

Título Medo e delírio
Data 30 de maio de 2025
Publicação Folha de São Paulo

Autor Matheus Rocha
Artista Wanda Pimentel



Título Medo e delírio
Data 30 de maio de 2025
Publicação Folha de São Paulo

Autor Matheus Rocha
Artista Wanda Pimentel

B6 SEXTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2025

FOLHA DE S.PAULO ***

ilustrada

Matheus Rocha

SÃO PAULO O cenário lembra a solenidade daquilo que é sagrado e religioso. À direita, estão imagens dos santos Cosme e Damião e de santa Catarina de Alexandria. À esquerda, representações de São Pedro, Santo Antônio e de Nossa Senhora Aparecida. Um elemento, porém, profana essa sacralidade. Em destaque, no centro, um retrato do cantor Roberto Carlos, iluminado por luzes de neon.

O altar erguido por Nelson Leirner transforma consumidores em devotos e faz da indústria cultural uma nova forma de religião.

Essa obra sintetiza o modo como a arte brasileira dos anos 1960 lançou um olhar atento e, por vezes, irônico à sociedade de consumo. Os artistas desse período incorporaram em seus trabalhos a estética da publicidade e as imagens dos veículos de comunicação de massa. São os aspectos que formaram aquilo que se convencionou chamar de nova figuração brasileira, uma espécie de arte pop tropical.

Fizeram parte desse movimento nomes importantes como Claudio Tozzi, Antonio Dias, Wanda Pimentel e o próprio Nelson Leirner.

Todos eles têm seus trabalhos reunidos agora na exposição "Pop Brasil", a maior mostra deste ano na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Com 250 obras, a exposição radiografa uma sociedade em alerta, asfixiada pela ditadura militar, mas em ebulição pelo desejo de liberdade na criação artística.

"A pop art brasileira declara mais as nossas faltas do que faz um elogio dessa performance da sociedade do espetáculo", afirma Pollyana Quintella, que organiza a exposição ao lado de Yuri Quevedo.

Surgido no Reino Unido durante a década de 1950, o estilo ganhou tração nos Estados Unidos por influência de artistas como Claes Oldenburg e Roy Lichtenstein. Mas foi Andy Warhol quem mais radicalizou essa vanguarda. Nos anos 1960, o americano causou furor ao pôr em galerias objetos que ocupavam as prateleiras dos supermercados, como latas de sopa e caixas de sabão em pó.

"São obras muito polidas e lustreadas, o que reflete o produto bem-acabado de uma industrialização americana que deu certo", diz Quintella. No caso brasileiro, a industrialização aconteceu de forma tardia, desigual e tortuosa. "Por isso, a nossa pop art guarda algo de pré-industrial."

Exemplo disso é uma tela em que Teresa Nazar entrelaçou modernidade e precariedade ao pintar um foguete enferrujado feito de sucata. A corrida espacial, inclusive, foi um tema recorrente da arte brasileira desse período.

Claudio Tozzi traduziu esse frenesi numa série na qual retrata astronautas em cores saturadas. Na Pinacoteca, dois desses exploradores não contemplam corpos celestiais, mas estrelas da cultura popular. A tela em que eles aparecem foi posicionada de forma estratégica à frente de fotografias de personalidades como Sônia Braga e Chico Buarque. Outra figura luminosa desse núcleo é Che Guevara, retratado por Tozzi no meio de uma multidão.

Continua na pág. B5



Pop art brasileira faz radiografia dos anos de chumbo em tons de temor e de desejo

Exposição da Pinacoteca revê, em 250 obras, um Brasil às voltas com uma industrialização frágil e encurralado pela violência da ditadura

Título Medo e delírio
Data 30 de maio de 2025
Publicação Folha de São Paulo

Autor Matheus Rocha
Artista Wanda Pimentel

FOLHA DE S.PAULO ***

SEXTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2025 B7

ilustrada



A obra 'Astronautas',
de Claudio Tozzi
Isabela Matheus/Divulgação

Continuação da pág. B4

Na visão dos curadores, a tela com o revolucionário é uma espécie de Marilyn Monroe às avessas — referência a um dos trabalhos mais célebres de Andy Warhol. De acordo com Pollyana Quintella, o americano reproduziu a imagem da atriz tantas vezes que ela acabou se tornando oca, vazia de sentido e definição. O Che Guevara de Claudio Tozzi seria o oposto disso.

"Ele não é uma figura corrompida por esse processo de massificação. É um símbolo inteiro no meio do povo", afirma a curadora. Essa mudança de perspectiva se traduz também em sátiras aos Estados Unidos e à influência da superpotência sobre o Brasil. É o caso de "Homenagem ao Século 20/21", pintura de Antônio Henrique Amaral em que duas figuras fardadas estão na iminência de devorar os emblemas que compõem a bandeira americana.

A obra integra uma ala da mostra dedicada à ditadura militar, regime que recebeu o apoio da Casa Branca. Esse eixo leva ao público "Inserções em Circuitos Ideológicos", um dos projetos mais emblemáticos de Cildo Meireles. Na década de 1970, o artista escreveu mensagens críticas aos generais em cédulas de dinheiro e garrafas de Coca-Cola e retornou os itens ao mercado. Desse modo, Meireles transformava símbolos capitalistas em porta-vozes de uma série de mensagens subversivas.

Outra obra notável é assinada por Tomoshige Kusuno, artista japonês radicado no Brasil. Fixado sobre uma grande tela, um portão de ferro parece guardar algo que deve ser contido e silenciado. Nove mãos de acrílico, porém, rompem a estrutura metálica. Elas estão prestes a se libertar do cativeiro, numa metáfora para a fragilidade da repressão diante da ansia por liberdade.

Essa busca por autonomia sobre o próprio corpo em meio à ditadura fez emergir trabalhos que evidenciam uma sexualidade ambígua. Antônio Dias, por exemplo, fez um autorretrato em que beija a própria imagem no espelho. É uma fotografia que sinaliza um exercício de independência e autossatisfação, mas também a recusa do encontro com o outro.

A exposição traz, por outro lado, obras em que o sexo é vivido de forma plena. É isso o que se vê no homoerotismo das imagens de Alair Gomes. O fotógrafo lançou um olhar voraz sobre o corpo masculino, retratando homens de músculos sempre esculpidos na praia de Ipanema.

Wanda Pimentel, por sua vez, elegeu como matéria-prima o corpo feminino. No entanto, se o fotógrafo revela, a pintora insinua. Nas telas, vemos fragmentos de pés, coxas e joelhos, num erotismo apenas sugerido. "Falar de desejo na ditadura era se opor à repressão total", diz Yuri Quevedo, um dos curadores. "Se por um lado havia um achatamento de tudo o que era subjetivo, por outro existia uma explosão de coletividade que provocaria mudanças em padrões sociais."

Pop Brasil

ONDE Pina Contemporânea - av. Tiradentes, 273, São Paulo. QUANDO Qua. a seg., das 10h às 18h. De sab. (31) até 5 de outubro. PREÇO R\$ 30; grátis aos sábados

Título Medo e delírio
Data 30 de maio de 2025
Publicação Folha de São Paulo

Autor Matheus Rocha
Artista Wanda Pimentel

FOLHA DE S. PAULO

SEXTA-FEIRA, 30 DE MAIO DE 2025

guiafolha



Quadro da série 'Envolvimento', de Wanda Pimentel, na mostra 'Pop Brasil' Divulgação

Conheça 7 obras imperdíveis da maior exposição da Pinacoteca do ano, sobre pop arte no Brasil

Mostra exhibe produção de artistas como Hélio Oiticica e Nelson Leirner, que abordam transformações das décadas de 1960 e 1970

Isabela Bernardes

SÃO PAULO A década de 1960, marcada por tensões políticas, transformações sociais e a chegada de novas linguagens artísticas ao Brasil, é o pano de fundo da nova exposição da Pinacoteca, "Pop Brasil: Vanguarda e Nova figuração, 1960-70". Com 250 obras de mais de cem artistas do período na Pina Contemporânea, é a maior mostra do museu no ano.

As obras, muitas exibidas em conjunto pela primeira vez, são principalmente do acervo da Pinacoteca e da Coleção Roger Wright — que estão em comodato com a instituição há anos. Fazem parte artistas como Hélio Oiticica, Pietrina Checcacci, Nelson Leirner e Cláudio Tozzi. Quem entra na sala expositora encontra o conjunto original de bandeiras serigrafadas do "Happening das Bandeiras" (evento artístico realizado em 1968 no Rio), revelam Pollyana Quintella e Yuri Quevedo, curadores.

Depois segue-se uma sala com obras que homenageiam ícones populares da época, como o cantor Roberto Carlos e astronautas, elevados ao status de celebridades com a corrida espacial.

Em outro espaço, peças fazem críticas à ditadura militar (1964-1985). Ao lado, trabalhos sobre as mudanças de comportamento da sociedade ganham destaque. O trajeto expositivo termina

em uma retrospectiva sobre a transformação da arte dos anos 1950. Veja, a seguir, sete obras imperdíveis na exposição, segundo os seus curadores.

Adoração

Na instalação criada em 1966, Nelson Leirner exhibe uma espécie de palco que revela uma imagem do cantor Roberto Carlos, acessada por meio de uma catraca. Mesclando símbolos católicos com a imagem do artista em neon, reflete sobre a lógica da indústria cultural.

O Bandido da Luz Vermelha

O quadro de Cláudio Tozzi faz referência ao caso de João Acácio Pereira da Costa, criminoso que ganhou o apelido Bandido da Luz Vermelha e ficou conhecido por assaltos e homicídios em São Paulo. Nele, o artista remete à linguagem das histórias em quadrinhos com a pintura de uma mulher que se pergunta se o homem entrará em sua casa durante a madrugada.

Envolvimento

A série de Wanda Pimentel, feita em 1968, retrata um corpo feminino em um ambiente doméstico anárquico, retratado com linhas e enquadramento e precisos. A obra levanta questões sobre papéis de gênero.

Matéria e Forma

Também de Nelson Leirner, mostra a transformação da matéria-prima em produto de consumo por meio de uma instalação com um tronco de árvore, do qual sai uma cadeira pronta.

Parangolés

Um dos trabalhos mais radicais de Hélio Oiticica, são vestimentas feitas com tecidos e plásticos que têm a intenção de integrar o espectador à obra de arte, que pode experimentar suas réplicas. O artista é conhecido por questionar o uso de suportes tradicionais na produção artística.

O Povo Brasileiro

O conjunto de cinco bandeiras da artista Pietrina Checcacci faz parte do movimento "Happening das Bandeiras" e tem desenhos que tematizam questões ligadas à formação de uma família tradicional, aos problemas da classe média e à performance da política.

O Presente

Em 1967, a artista Cybèle Varela fez caricaturas que ironizam a figura dos generais da ditadura militar, como forma de resistência ao governo.

Pop Brasil: Vanguarda e Nova Figuração, 1960-70

Pina Contemporânea - av. Tiradentes, 273, Luz, região central. Qua. a seg., das 10h às 18h. De 31/5 a 5/10. Ingr.: R\$ 30 em pinacoteca.byniti.com. Grátis aos sábados

ANDANÇAS NA METRÓPOLE

Mostra no Ipiranga revela cotidiano imigrante

Coleção reúne objetos artesanais produzidos a partir do século 19

Vicente Vilardaga

folha.uol.com.br/blogs/andancas-na-metropole

São portas, cavalinhos de madeira, utensílios de cozinha, ferramentas e outros objetos utilizados por imigrantes alemães e italianos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, a partir da segunda metade do século 19.

O que poderia parecer banal torna-se uma experiência intrigante de imersão no cotidiano dos imigrantes europeus, que tentavam adaptar seus costumes às condições de uma nova terra.

Os 930 objetos fazem parte da exposição "Design e Cotidiano na coleção Azevedo Moura", expostos desde 27 de maio no salão de exposições temporárias do Museu do Ipiranga. Eles permitem imaginar como aquelas pessoas viviam há 150 anos e expõem grande qualidade artesanal. Também possibilitam uma reflexão sobre a perenidade dos produtos de uso corriqueiro e criticam o consumismo e a obsolescência programada.

Todos pertencem ao acervo do casal de arquitetos gaúchos Tina e Calito de Azevedo Moura, que os garimparam em viagens pelos estados do Sul desde os anos 1970. A exposição mostra também fotografias e materiais gráficos: cartões postais, folhetos de propaganda, fotografias de casamentos e retratos de família e grupos de estudantes.

O que mais chama atenção é a suseidade dos personagens, crianças e adultos. Todo mundo é muito sério, refletindo talvez uma moral rígida e as dificuldades da vida naqueles tempos.

"A maioria desses objetos não tem valor pecuniário. Eles não são itens que se encontram em antiquários, valorizados por sua equivalência monetária", diz a curadora da exposição, Adélia Borges. "A maior parte é rudimentar e remete à nossa raiz rural. A urbanização do Brasil é recente, então essas peças suscitam memórias afetivas". A exposição é dividida em dez núcleos temáticos e uma sala de vídeo. O primeiro núcleo, chamado "Pode Entrar Que A Casa É Sua", exhibe uma coleção de portas feitas com madeiras diferentes das usadas na Europa, como o cedro, a cabreúva e a canjerana. Várias delas demonstram uma marcenaria refinada que também vai aparecer nas cadeiras e cavalinhos. Juntam-se as técnicas trazidas da Europa com as novas matérias-primas encontradas no Brasil.

Outra parte é o "Preparar e servir o pão de cada dia", no qual são apresentados utensílios destinados à preparação de alimentos, então uma função feminina. Objetos como desnatadeiras, batedores de manteiga e moedores de café eram indispensáveis nas cozinhas da época. Já os homens protagonizam o núcleo "Ferramentas do fazer", com artefatos usados por marceneiros e farmacêuticos, por exemplo.

O que une todos os utensílios e ferramentas expostos no Museu do Ipiranga é o fato de serem ordinários. Não se trata de bens de consumo das elites, mas de objetos do povo, achados também em outros lugares do Brasil.

Ao entrar em contato com a coleção, o público vai reconhecer elementos que talvez façam parte de suas próprias histórias e que podem ter sido vistos nas casas de seus avós e parentes. A exposição "Design e Cotidiano" apela à memória afetiva e pode ganhar significados pessoais para cada um de seus visitantes.

SEX. Andanças na Metrópole / Mise-en-scène